

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: UMA BREVE REFLEXÃO CONTEMPORÂNEA

Maria Paula Alves Araújo ¹

Ana Luiza dos Reis Santos ²

Cristiane Marcela Pepe ⁴

RESUMO

Nosso estudo tem origem em uma apresentação de um seminário na disciplina de Profissão docente, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Nosso objetivo é apresentar uma reflexão sobre o processo de precarização do trabalho docente dentro da escola básica brasileira, com base tanto no estudo de bibliografia atual, quanto nas contribuições de uma série de TV, intitulada Segunda chamada. A metodologia utilizada foi a de natureza qualitativa. O estudo realizado nos permite afirmar que há processos de um professorado precário como ferramenta de manutenção dentro de uma sociedade piramidal e com um dossiê dos seguimentos socioculturais da feminilização do ensino em reflexo da precarização da docência.

Palavras-chave: Precarização; Trabalho docente; Formação de professores; Feminismo; Gênero.

INTRODUÇÃO

Nosso estudo tem origem em uma apresentação de um seminário na disciplina de Profissão docente, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas, que busca refletir sobre a história da profissão, assim como sobre os aspectos relacionados ao exercício da mesma, políticas de formação e desafios a serem enfrentados.

Temos por objetivo neste trabalho apresentar uma reflexão sobre o processo de precarização do trabalho docente dentro da escola básica brasileira, com base tanto no estudo de bibliografia atual, quanto nas contribuições de uma série de TV, intitulada Segunda chamada, que aborda o cotidiano de professores e estudantes de uma escola pública, seus conflitos, desafios e alegrias.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, maria.paula@cedu.ufal.br ²
Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, ana.santos3@cedu.ufal.br;

As problemáticas que cercam o cotidiano dos docentes nos revelam que as mudanças ao longo do tempo na educação não conseguiram avançar quando se trata de mais valorização do trabalho docente e melhores condições de trabalho.

O conceito de precarização do trabalho docente que utilizamos nesse estudo é oriundo da formulação feita por Pochmann (1999), um professor e economista brasileiro, que afirma, entre outros aspectos, que essa precarização do trabalho, de forma geral, decorre da expansão do neoliberalismo no Brasil, que ocasionou diversas mudanças nos direitos dos trabalhadores, retirando muitos deles e esvaziando garantias sociais.

Nesse sentido, percebemos que o ensino no Brasil, principalmente na rede pública, precisa de muito mais incentivo financeiro para garantir um ambiente mais produtivo para os alunos e docentes.

As instalações precárias, a superlotação na sala de aula, o quadro reduzido de professores e, acima de tudo, a desqualificação do trabalho docente são algumas das precariedades a que os docentes estão sujeitos cotidianamente.

Mesmo com 20 anos de mudanças na educação, com novas políticas e programas implementados e reestruturando o trabalho docente, essas transformações resultaram em aumento no ritmo e as horas de trabalho, aumentando as tarefas a serem cumpridas, elevando o número de alunos nas salas de aula.

Dessa forma, organizamos o estudo em: a) inicialmente apresentaremos a metodologia utilizada, b) uma reflexão teórica sobre o tema da precarização, abordando o estudo de autores relevantes para a compreensão do mesmo, b) apresentaremos o episódio da série Segunda chamada, que para nós, aborda de forma impactante aspectos sobre a precarização do trabalho docente, com toda maestria que a tramaturgia consegue fazer, c) apresentaremos os resultados e discussões, ressaltando que é um trabalho preliminar e que carece de aprofundamento e, d) por fim, apresentaremos as considerações finais e referências bibliográficas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada por nós neste estudo foi a de **natureza qualitativa**, conforme definição de Lüdke e André (1986, p.11- 13):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. Os dados coletados são predominantemente descritivos. A preocupação é com o processo. O „significado“ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Aspectos quantitativos também foram considerados no decorrer da pesquisa, pois entendemos que não há um caráter antagônico, mas complementar, dos aspectos qualitativo e

quantitativo no processo de conhecimento e no desenvolvimento de uma pesquisa que vem sendo reafirmado por diferentes estudiosos da prática da pesquisa social em geral e, em particular da pesquisa educacional (LÜDKE e ANDRÉ; 1986; BOGDAN e BIKLEN, 1994 e TRIVIÑOS, 1987).

REFERENCIAL TEÓRICO

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Iniciamos nossa reflexão com o patrono da educação brasileira, Paulo Freire!

Ao considerar os pensamentos de Paulo Freire (1993), em sua carta “Verdades da Profissão do Professor”, na qual ele destaca como os pais dos alunos exigem um professorado impecável para os seus filhos, mas não visualizam seus filhos trabalhando como professores, percebemos que há no inconsciente do senso comum a concretização da dura realidade na qual os professores estão inseridos.

Essa argumentação só enfatiza ainda mais a cobrança que é jogada para o professor, na mesma medida da desvalorização que o acompanha. Colocamos a responsabilização de toda mudança dentro de metodologias que precisam caber dentro de salas de aulas precarizadas e sem estrutura.

Espera-se, sem paciência, que o professor mude o mundo e torne-o um lugar melhor. Uma tentativa falha, considerando o ausente apoio e incentivo financeiro e governamental, as realidades cansativas do enfrentamento das longas jornadas de trabalho, exaustiva superlotação dentro das salas de aula, os baixos salários exploratórios, ou seja, as multifuncionalidades se alternam entre psicólogo e assistente social e a desvalorização da profissão.

Partindo desse ponto em comparativo com a realidade atual, nosso estudo mostra como existem diversos fatores que fazem com que a Profissão Docente se torne cada vez mais precarizada e, em decorrência disso, também o próprio ensino público, com o abandono governamental.

Nesse sentido, algumas questões nos saltam: quais os motivadores dessa precarização? Por que essa situação não é modificada? Como um trabalho essencial pode ser tão renegado? Por que não existem mudanças efetivas? Por que a história se repete? As questões são muitas e as possíveis respostas parecem duras e assertivas.

Apresentaremos brevemente aqui a série, que será mais explorada no item sobre Resultados e discussões.

Na série Segunda Chamada, uma minissérie televisionada pelo canal de televisão Globo (2019), disponível na plataforma GloboPlay, a apresentação da precarização do ensino e do professorado é muito bem escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini, o realismo descreve dentro da escola pública de período noturno como os trabalhadores periféricos brasileiros vivem dentro das insalubridades da vida e sala de aula.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA – é retratada pelas autoras, que contam a história e a luta de alunos e professores numa escola da periférica da cidade de São Paulo, a Escola Carolina Maria de Jesus, que carrega o nome da autora do livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (1960)”.

A escolha da série se deu justamente pelo recorte quase que invisível dentro do ensino direcionado para o público adulto, que perdeu sua juventude em meio ao trabalho ou às disparidades sociais a que foi submetido e que é tão necessitado e tão desacompanhado socialmente.

Segunda Chamada rema contra a maré de produções sobre educação que inviabilizam e invisibilizam esse alunado e o professorado real e, tende a ser pioneira dentro dessa produção de temática tão esquecida, assim como os alunos e professores da vida real são esquecidos socialmente também.

Isso tem um impacto direto com a precarização da docência quando vemos esse apagamento de vulnerabilidade social, no qual só quem enxerga tal vivência é o professor que está presente dentro da sala de aula e que é bombardeado com a difícil realidade de quem precisa retornar à sala de aula depois de adulto para a conclusão de um ensino básico, enquanto luta as batalhas diárias em uma sociedade injusta, com desigualdades abissais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disponibilidade exacerbada e a perseverança para ajudar que é apresentada na série pelos professores dentro da sala de aula é a realidade que os profissionais revivem todos os dias, essa colocação do papel de salvador da pátria para o professor é exaustiva e de ficcional não tem nada, a vontade de conseguir salvação dos alunos por meio da educação é demonstrada em demasia pelos professores pela minissérie.

A desigualdade social é retratada dentro do ambiente escolar somadas às singularidades dos alunos advindas das difíceis vivências é o que os torna unidos, mas têm consequências desgastantes para aqueles que tomam a frente daquela escola: os professores. A empatia do que é vivido por cada um dos alunos diariamente é transbordada dentro da escola e afunda os

professores, esse peso social consegue ser transmitido para os telespectadores, chegando a acordá-los para vivência dos demais membros invisibilizados dentro da sociedade brasileira.

No episódio nove, a professora Eliete Sabá, que é representada pela atriz Thalita Carauba, consegue um “quartinho” dentro da pequena escola para o aluno Sílvio Alves Oliveira, que mora na rua e trabalha como catador de latinha. No episódio, Sílvio é humilhado pela turma pelo mau cheiro, logo depois, enquanto lava-se nos fundos da escola, explica a professora que é morador de rua e que, com a falta de água no chafariz da praça da cidade, não teve como tomar banho, pedindo desculpas pelo ocorrido. Envergonhada, a professora se disponibiliza para ajudá-lo e consegue uma sala para Sílvio dormir. Como afirma Gustavo Abonizio (2012):

Em muitos casos o professor é obrigado a desempenhar funções de assistente social, enfermeiro, psicólogo etc. Além disso, estratégias de gestão, como por exemplo, o comunitarismo, voluntariado (Amigos da Escola), incidem e reforçam o sentimento de desqualificação e desprofissionalização desses profissionais.

Na série, a realidade é abordada sem filtro nenhum. Conseguimos ver a precarização em sua mais nítida lente televisiva, as características do Brasil inteiro são colocadas dentro de um mesmo espaço transmitido pela série, a Escola Carolina Maria de Jesus.

Quando comparamos a série Segunda Chamada com as difíceis realidades vivenciadas pela docência atual conseguimos observar a vivência da dupla jornada das mulheres do professorado, a sequência do trabalho materno/doméstico e do trabalho docente que se interligam. A responsabilização sob o aluno é tida como uma sequência inconsciente desses dois trabalhos atribuídos à mulher.

No nono episódio vemos a dura interação e apoio psicológico dentre Prof.^a Sônia, representada pela atriz Hermila Guedes e a aluna Natasha, representada pela atriz Linn da Quebrada. Natasha é travesti e sofre com um relacionamento abusivo que não aceita o seu corpo e a sua vivência, e Sônia sente as mesmas dores sofridas fisicamente dentro do relacionamento abusivo, vivências de muitas mulheres brasileiras. Ao mostrar as marcas da violência para Natasha, Sônia diz: “isso é o que acontece quando a gente esquece de se amar”.

Conseguimos enxergar amor, empatia e sororidade quando colocamos uma lente ultra otimista, mas o peso psicológico que a professora carrega depois não é impossível ser pago com o pouco salário em um tratamento psiquiátrico necessário para carregar o fardo de suas dores e de seus alunos. Esse peso emocional e social está também disposto nas raízes de uma sociedade que também compreende e associa as mulheres como salvadoras e santificadas de uma pátria machista.

A feminilização da profissão docente, um fenômeno que consiste na maioria visível de mulheres que assumem cargos de educação na escola, principalmente na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental, também é reflexo da divisão do trabalho dentro da

perspectiva errônea de gênero, os atributos femininos como paciência, cuidado, calma e serenidade são esperados dessas mulheres. E qualquer atitude que fosse tomada pelas professoras da série Segunda Chamada deferente do que foi feito causaria estranhamento e até rejeição, pois é o se espera dos professores, que estejam sempre com o bote salva-vidas, dispostos para alcançar todos dentro do ambiente de trabalho.

Paralelo às difíceis vivências dos alunos retratados na série também conseguimos ver a vida dos professores. A protagonista da série, representada pela atriz Débora Bloch, é uma professora de língua portuguesa que carrega pesadas realidades de uma mãe e transfere essa responsabilização para seus alunos. Esse cuidado quase que maternal dentro da sala de aula não é minimizada socialmente e nem profissionalmente. Para Pérez Gómez (2001),

“Aprendemos logo que reproduzir papéis, métodos e estilos habituais é a melhor estratégia para evitar problemas e conflitos com os colegas e os agentes externos: família e administração”(p. 165). Não existe dramatização. Ao final de todos os episódios da série temos depoimentos de alunos e professores que frequentaram as duras realidades dentro do trabalho docente. A realidade retratada é dura, justamente pela ficção ser baseada na realidade, pela verossimilhança.

Iniciando a reflexão dos dissabores de uma profissão primária e contínua dentro da vida de todo o mundo, a profissão de professor, Maroneze (2011) diz que:

Um dos fatores que contribui para a precariedade dos docentes é o neoliberalismo que passa a exigir o máximo de rendimento sem dar condições mínimas para que o um bom trabalho ocorresse, por meio de redução de gastos, imposição de novas formas de trabalho que não fazem parte da didática do professor, ou até mesmo pela política de recursos humanos.

A paixão pela profissão, a romantização e a necessidade de estar em sala de aula e até mesmo por conta das necessidades sociais muitas vezes submetem os profissionais da educação a trabalhos mal remunerados, transformando-se em mão de obra barata, o que gera por consequência uma exploração maior dessa mão de obra.

Do ponto de vista histórico, quando tratamos sobre remunerações trabalhistas dentro das organizações capitalistas conseguimos também, de certa forma, falar sobre gênero.

Ao analisar a historicidade da mulher na sociedade compreendemos que os todos os papéis que hoje podemos descrever como subempregos sempre foram atribuídos ao feminino, isso sugere que os trabalhos dispostos dentro da base piramidal social, que denominamos como subempregos e podem ser associados a trabalhos que foram relegados à mulher, como lavar, passar, cozinhar, cuidar e educar. Ao ponto de já foi documentado que todos esses trabalhos que eram dispostos pelas mulheres eram considerados como trabalhos improdutivos. Somente após as reformas sociais trazidas pela revolução industrial, esses mesmos trabalhos executados

transformaram-se em trabalhos não remunerados, ou seja, ao associar essas informações conseguimos traçar uma explicativa principal para a má remuneração dos professores, visto que o educar e cuidar é um trabalho feminino e improdutivo, pode ser sujeito à base de uma pirâmide trabalhista e classificado como subempregos. Os professores, e principalmente professores do ensino infantil, são mal pagos por um resquício histórico de uma divisão de trabalho que se apoiou em um conceito de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito ainda o que se refletir sobre a temática da precarização do trabalho docente! Quando analisamos a questão de gênero na profissão docente e buscamos olhar como ela se relaciona diretamente com a questão da precarização, superexploração e desvalorização do trabalho do professorado, percebemos o quanto ainda precisamos aprofundar nessa análise, buscando outros elementos que nos ofereçam mais subsídios para compreender essa temática.

Ressaltamos a urgente necessidade de uma consciência de classe, a ser abordada nos cursos de formação docente de forma mais aprofundada e inter-relacionada, para que possamos romper com a possibilidade de continuação de vivência dentro de um sistema precarizado e desvalorizado de trabalho.

Para finalizar, concordamos com Pepe (2007):

defendemos a necessidade de sensibilizar as diferentes instâncias do universo educacional em que atuam e em que são formados os professores (políticas educacionais, diretrizes, órgãos executores dessa política, como secretarias e diretorias de ensino, instituições escolares, a equipe de especialistas, formadores, assim como aos próprios professores) de que é preciso dar voz e visibilidade ao professor e aos seus processos de motivação e aprendizagem da profissão docente, pois só assim conseguiremos rever nossos cursos de formação inicial e continuada de professores, fazendo com que esse momento seja de fato um momento formativo, respeitando a especificidade desse aprendiz adulto, num espaço “mais ecológico” de formação, como afirma Marin (1996), que lance os professores nessa aventura do aprender, como diz Pérez Gómez (2001) e que faça dos professores sujeitos de seu próprio trabalho, produtores de conhecimento, que dominam e detêm seus próprios instrumentos de trabalho, como afirma Tardif (2002). (p. 249)

É urgente que possamos dar visibilidade as condições reais de exercício e vida dos professores, não é aceitável que uma profissão tão importante para o desenvolvimento do país continue a sofrer tantos ataques e esvaziamentos.

Compreender a docência e tudo o que a compõe nos aproxima mais da realidade desse território tão feminino ainda e, talvez por isso tão menosprezado e violado cotidianamente.

ABONIZIO, Gustavo. Precarização do trabalho docente: apontamentos a partir de uma análise bibliográfica, 2012.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto-Portugal: Porto, 1994.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho D'Água, 10ªed., 1993, p. 27-38.

JUNQUEIRA, Alda e MERCÊS, Maria. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares, 2004.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MARONEEZE, Luciane Francielli Zorzetti. A precarização do trabalho docente na Rede Estadual de Educação Básica do Paraná (1995-2002). 2011. Tese (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Uem, Maringá, 2011.

NEVES, Mary Yale Rodrigues, BRITO, Jussara Cruz e MUNIZ, Hélder Pordeus. A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental.

PÉREZ GOMEZ, Angel I. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre: Artmed, 2001.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educação e Sociedade, Campinas, 2004.

PEPE, Cristiane Marcela. Processos de aprendizagem e motivação de professores do Ensino Fundamental I. SP: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2007 (Tese)

SEGUNDA CHAMADA. Direção de Joana Jabace, Henrique Sauaer e Pedro Amorim. São Paulo, 2019. Disponível em GloboPlay. Episódio 9, temporada 1.

SOUZA, Érica Renata. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. Cadernos Pagu [online]. 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.